

*Não há
coisa mais
limpa
que*

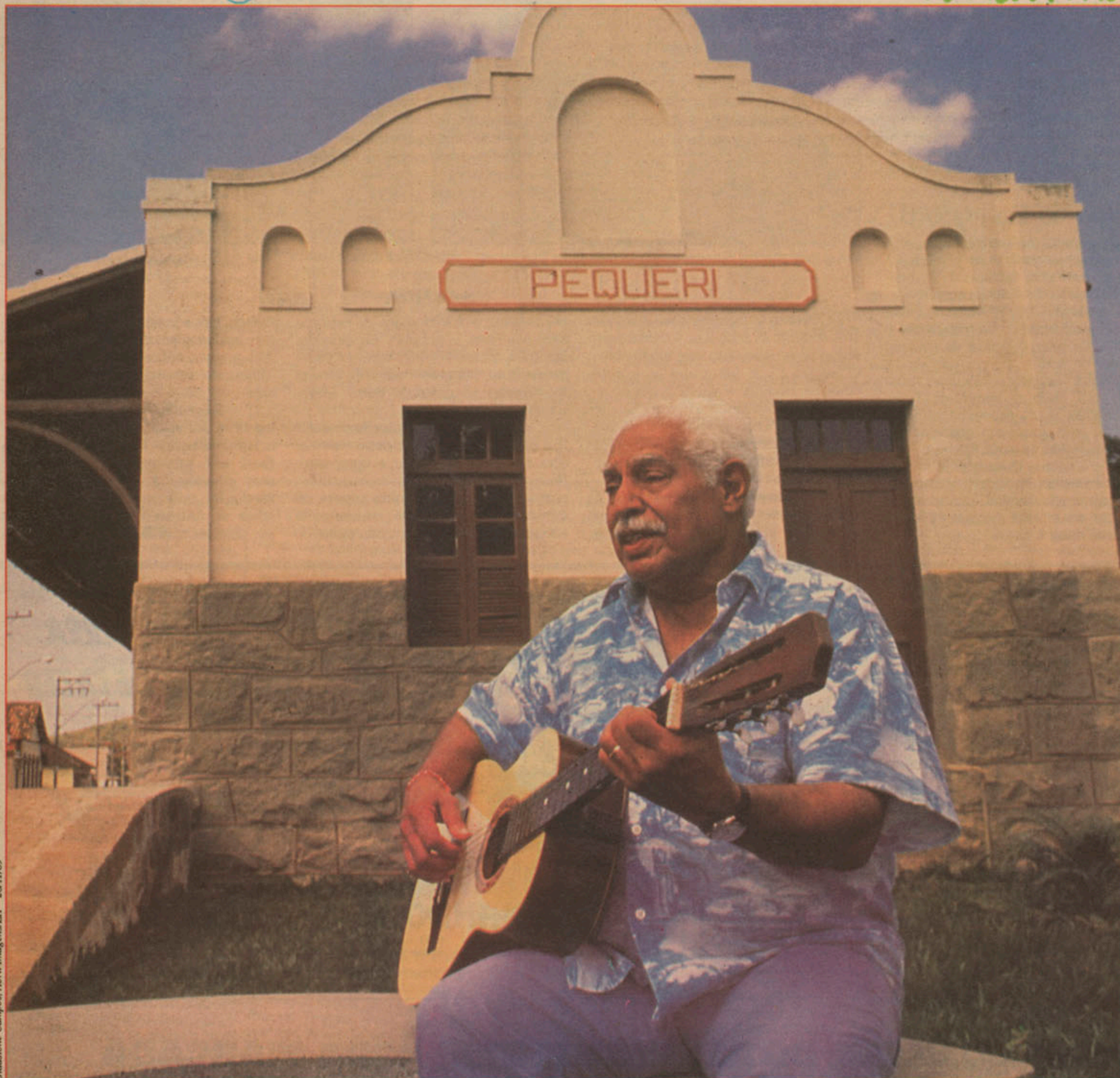
John Grisham bate
na Ku Klux Klan
página 6

REVISTA ZHI

A constituinte que
inventou o elefante
contracapa

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 24 DE ABRIL DE 1994 - Nº 738

Maravilha!!!



*Caymmi sua música
seu violão! - foi presente
de Deus ao Brasil.*

Gladstone Campos, Abril, Imagens/ZHI - 28/11/89

Dorival Caymmi
O primeiro baiano

REPORTAGEM DE CAPA

Banco de Dados/ZH - 19/11/76



Na praia: Dorival Caymmi conseguiu manter através das décadas a imagem do bom baiano sorridente, amigo do violão e das letras apaixonadas, e nunca saiu de moda

O cantor das graças da Bahia

Mestre da canção praieira, criador de antológicos sambas-canções, Dorival Caymmi é a mais perfeita tradução da MPB

ARTHUR DE FARIA *

Antes de qualquer outra coisa, é preciso separar o fetiche do Caymmi real, que quebrou tudo e continua atual aos 80 anos. Porque tem o mulato malemolente, preguiçoso, herói macunaíma de uma mítica baianidade que só compôs 98 canções em 60 anos de trabalho. E tem a verdade do compositor preciso, caprichoso, que sabe que o mais difícil não é escrever, é cortar. Que o mais brilhante é parecer fácil e ser uma verdadeira encrenca harmônica. Que o mais desafiante é soar tão natural que se pareça quase orgânico. Quase 100 obras-primas de concisão.

Caymmi tem duas grandes frases que são sua mais completa tradução. Numa ele diz que estava enjoado dos acordes que tocava, foi tirando o dedo de uma corda e botando noutra pra ver como soava. Prenunciou Jobim e todos os modernos. Na outra, conta que seu grande sonho é compor uma daquelas melodias que se fundem no inconsciente coletivo,

que ficam no repertório como um *Atirei o Pau no Gato*.

Uma estória se tornou clássica. Carmen Miranda ia gravar uma cena baiana num dos últimos filmes que fez no Brasil. A música, de Ary Barroso, a grande vedete do momento. O cenário, a Bahia. No último instante o autor liga, pedindo uma grana considerada absurda para liberar a música. O dono do estúdio não topou. Almirante, assessor para assuntos aleatórios de tudo que acontecia no meio artístico da época, salvou a pátria. Sabia de um baianinho recém-chegado com um punhado de canções estranhas, simples e belas. Carmen, que nunca foi boba, foi conferir. Caymmi mostrou umas canções para Almirante e Carmen, embarcou no carro só com a cantora. Desapareceram - Carmen também nunca foi santa. Na volta, impressionada com a performance do baiano, gravou uma canção do sujeito no celulóide do filme. Composta quase que de parceria, ia ser o primeiro sucesso de Caymmi, um dos maiores da cantora. De quebra, inventava a baiana que Carmen venderia para o mundo.

Aí o homem estourou. Foi o primeiro sopro de renovação musical para uma geração tão brilhante que disse tudo que tinha pra dizer em pouco mais de 15 anos. Por volta de 1946 a segunda denteção da MPB estava esgotada esteticamente. Puderam: Ary, Noel, Lamartine, Braguinha, Almirante, Custódio Mesquita e outros brancos de classe média já tinham feito tudo que podiam. Os negros de morro como Wilson Baptista e Ismael Silva estavam meio condenados pelo Estado Novo. Aí surgiu Caymmi, com harmonias e ritmos muito — muito — a frente de seu tempo, disfarçados em letras também falsamente simples, coloquiais. Logo depois viriam outros regionais, Luís Gonzaga à frente. Eram a novidade que vinha dar na praia.

Dez anos de Baião & Bolerão. A MPB mais refinada desprezava tudo e sofisticava cada vez mais o tal do samba-canção — um ritmo nem tão novo, mas que se americanizava em busca de uma elegância ausente no momento. Bobos. Em 1946 Braguinha já tinha inventado a bossa nova com *Copacabana*. Nestes mes-

mos anos, Caymmi atacava com *Marina*. Nessa época de boates, o samba virou cafona, a guarda ficou velha e os modernos só aceitavam um cara. Não precisa dizer quem.

Tanto que, quando em 1958 outro baiano, chamado João, desmontou a banca e demoliu a MPB, estava ladeado por Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Newton Mendonça, mas também com um pé em seu conterrâneo Dorival.

A geração seguinte, dos tropicalistas, só faltou casar com o Buda Nagô Dorival. Aliás, Gil bem que tentou, mas só levou a Nana, ex-mulher. Entronizado num limbo de proteção, Caymmi paira como um totem da modernidade. Ela te pega e te assombra em harmonias tiradas de dedos nos lugares "errados", em ritmos com arritmias, em letras de um modernismo gritante. Caymmi transcende seu próprio fetiche.

* Arthur de Faria é músico e jornalista.

SEGUIE

Saberão contar um dia ??

E... Tudo o que veio daí.

que pecado falar em preguiça... então, que sejam todos melancólicos... m s - 2

Caymmi chega aos 80

Uma festa familiar em Copacabana, um 'songbook' e dois discos vão marcar o aniversário

JUAREZ FONSECA

O filho Danilo tentou produzir uma grande festa no palco, com convidados ilustres e tudo a que Dorival Caymmi tem direito. Não conseguiu patrocinador. No próximo sábado, a festa dos 80 anos do patriarca será na casa dele em Copacabana. Com a mulher Stella, os filhos Nana e Danilo (Dori está nos Estados Unidos), os sete netos e os dois bisnetos. As comemorações começam amanhã na casa noturna carioca People, com Caymmi presente ao lançamento do *Songbook*, outra produção de Almir Chediak, com sua obra total, 98 músicas — um pouco mais de uma por ano de vida. Em maio sairão dois discos, um deles com a Família Caymmi. Virão algumas (poucas) músicas inéditas, entre elas *Canção da Primeira Netinha*, iniciada por Caymmi quando nasceu a filha de Nana, em 1963, e só concluída no início deste ano. Como o gênio de Dorival, sua calma atravessa o tempo.

Zero Hora — Como é que você começou essa carreira que corta verticalmente a história da música brasileira, dos anos 30 aos 90?

Dorival Caymmi — No final dos anos 30 o Brasil estava agitado, passava por modificações. Os jovens sonhavam em sair de seus Estados, ir para a capital federal, o Rio de Janeiro. Minha família queria que eu estudasse. Fiz o serviço militar em Salvador, ali vivi todo o tempo, e aos 24 anos resolvi estudar Direito no Rio. Tinha intenção de me manter trabalhando em jornal, pois trabalhei em um jornal na Bahia. Cheguei ao Rio no dia 4 de abril de 1938.

ZH — Você chegou a trabalhar na revista *O Cruzeiro* mas parece que não teve tempo de estudar, pois logo novos amigos de rodas de música levaram você para os programas de rádio.

Caymmi — Virei artista da noite para o dia. Já em menino aquela tendência para a música me levava a fazer a canção, a trovazinha musicada para a namorada. Sem sentir, era o princípio de uma carreira que começou inesperadamente. Quando eu percebi a possibilidade profissional, quando me senti com a responsabilidade de ter matéria prima para ser artista de rádio, fui me abastecendo com a memória. Então passei a reunir, como já reunia na Bahia, a poesia tirada da cantiga popular, das festas de rua, as quermesses, as barracas de vender comidas e frutas, aquelas coisas típicas da minha terra. Enfim, fui criando um clima que talvez até a melancolia da saudade influenciasse um pouco. Continuei fazendo aquela música que já fazia na Bahia a título de diversão.

ZH — Sim, mas já no início você fazia *Promessa de Pescador*, *A Preta do Acarajé*, *O Que é Que a Baiana Tem*, que nasceram clássicos. O que você pensa sobre essa maturidade, essa modernidade que sua música tem desde o início?

Caymmi — Acho que tudo que leva esse tom de fidelidade, que retrata coisas autênticas, sem sofisticar, usando a própria língua do povo, tem duração. Assim como as canções infantis, como as melodias bonitas que ficam na lembrança. Enfim, tudo o que o povo gosta tem uma razão forte para durar. Por tradição oral guarda-se muita coisa boa. Em geral as gerações passam mais facilmente de uma para outra o que lhes pareceu mais bonito em termos de descrição de uma paisagem, descrição de uma cena urbana ou uma cena de festa popular. Essas coisas marcam uma pessoa. Quando certas canções minhas completaram dez anos de sobrevivência eu achei um fenômeno, imagine. Quando cheguei aos meus 34 anos de idade, eu tinha dez anos de residência no Rio de Janeiro. Fiquei admirado daquela lembrança que ficou, pensava que aquele assunto de baiano, do praiano, ia ser logo esquecido.

“Virei artista da noite para o dia. Já em menino uma tendência para a música me levava a fazer canções, como a trovazinha para a namorada”

ZH — As marcas eram fortes.

Caymmi — Sim, mas essa coisa da permanência de minha música me deixou às vezes em estado de alerta. Eu me perguntava por que é que estava durando tanto, se as modas passaram, se aconteceu uma guerra de 1939 a 1945, se vieram tantos modismos. Mas *Aquarela do Brasil*, do Ary Barroso, por exemplo, ainda hoje é uma canção universal.

ZH — Acontece que *Aquarela do Brasil* tem uma letra que revela a época, empolada, não soa como uma música atual. Enquanto que as suas...

Caymmi — Eu descobri por mim mesmo, nessas análises que a gente faz sossegado, que manter a época é retratar com fidelidade a natureza e a pessoa humana, que não mudam no cerne, na origem. Descobri que o natural seria a simplicidade de retratar o duradouro daquela paisagem, daquela árvore que atravessa centenas de anos. O cancionário de

aproveita o factual, a crônica política, de momento, logo sai de moda.

ZH — Como é que você conseguiu guardar tanta Bahia dentro de você?

Caymmi — Ah, é um encanto que fica na gente. Isso aí já é um processo individual. Sabe aquela criança que gosta de andar pela rua, de fazer molecagens, de jogar bola, atirar uma pedra? Eu não fui um menino desse tipo. Fui um menino que passeava pesquisando coisas, observando, olhando vitrines e ao mesmo tempo vendo a música, a loja de discos, os folhetos. Pegava um bonde e ia para os bairros. Era uma alegria saltar em uma distância boa e ir andando a pé, conhecendo coisas. Era uma curiosidade tão espontânea que não dá para explicar.

ZH — E você continua compondo com essa memória?

Caymmi — Sim, vivo exatamente disso, a memória dos tipos humanos... Onde tem o mar você encontra o homem ligado ao mar. Ele pode até mudar o aspecto externo, mas não muda no cerne. O homem típico daquela luta, daquela procura, daquela faina, é sempre o mesmo. Observei muito esse homem. O segredo é a simplicidade, o que não chega a ser um segredo.

ZH — Há quanto tempo você não tem uma música nova gravada?

Caymmi — Vão aparecer umas agora nos discos que devem sair nessa tal comemoração. Tem outras coisas não terminadas, coisas que a gente vai imaginando e deixa de banda para depois retomar. Eu nunca tive um método exato para trabalho. Primeiro, nunca quis ter um contrato longo com uma gravadora, para não ter a obrigação de fabricar a canção para alimentar aquele contrato. Eu tenho que esperar que a canção brote, nasça naturalmente. Assinei um contrato, assinei um segundo, mas tudo sob pressão. Quando consegui me ver livre disso, fiquei muito independente na atividade, quer dizer: a música é boa?, eu gravo, ou outro grava. Nunca tive essa coisa pragmática de fazer a rotina do disco, gravar, batalhar, fazer propaganda, ir atrás, e depois ganhar o Disco de Ouro. Isso nunca me preocupou.

ZH — Seu método é esperar por você.

Caymmi — Tenho uma coisa mais simples do que essa rotina toda. É procurar fazer não só para mim, mas com a preocupação de ouvir a resposta na rua. Então sempre exibi as minhas canções primeiro ao vivo, cantando em lugares noturnos, teatros, para ver a reação do público. Muitas músicas minhas ficaram paradas, um pouco assim de lado, porque não tiveram uma resposta ao meu gosto. Sempre fui muito exigente.



A família Caymmi: Dori (E), Dorival, Nana e Danilo durante o histórico espetáculo, que depois virou disco, no Scala 2, no Rio de Janeiro, em 1987



Paixão: com Stela, casamento de meio século

O HOMEM E O VIOLÃO

Nome	Dorival Caymmi
Idade	80 anos (30 de abril de 1914)
Cidade	Salvador, Bahia
Três filhos músicos	Nana, Danilo e Dori
Músicas	<i>O Que é Que a Baiana Tem?</i> , <i>Você já foi a Bahia?</i> , <i>O Mar, Maracangalha</i> , <i>João Valentão</i> , <i>Dora</i> , <i>Das Rosas</i> , <i>A Lenda do Abaeté</i> , <i>Suíte dos Pescadores</i> .
Tema preferido	Mar e pescadores
História	Cruiu os sambas-canções mais representativos da MPB



No mar: fonte de prazer e inspiração

Gil, Caetano e a preguiça

ZH — Você poderia falar um pouco da sua famosa preguiça. Dizem que na Bahia existem três ritmos de levar a vida: lento, muuuuito lento e dorival caymmi. É verdade?

Caymmi (rindo) — É... Isso aí é muito bom porque, em princípio, eu sou calmo. Era até muito criticado na família. Meu pai dizia: “Esse é um preguiçoso”. E eu me vali astuciosamente disso também para me proteger, que é bom. Mas a verdade é que se você fizer um levantamento cuidadoso de minha atividade dentro da última década, por exemplo, vai ver que essa década em que passei dos 70 aos 80 foi um período muito produtivo, muito variado e muito ativo. Andei de um lugar pra outro, viajei, estive aqui e lá. Esse é o segredo, a gente põe aquela capa de preguiçoso e sai à socapa fazendo o quer e entende. É muito cômodo... (ri)

ZH — Você fala muito em sua infância. E a sua família com Stella, Nana, Dori, Danilo?

Caymmi — Ela me dá um prazer muito especial. A gente se vê solteiro e de repente está acompanhado de uma amiga, par a par com uma pessoa que se gosta, e que se entende... Não precisa ser absolutamente igual porque aí não dá certo, tem que ter divergências de idéias e tal, para poder solidificar o casamento. Eu casei, e quando nasceu Nana, a primeira filha, já me deu outra sustentação. É o pai, aquela coisa, a família constituída. Depois nasceu o Dori, depois o Danilo. Formou o grupo. E já na primeira infância todos eles manifestaram tendência musical, para grande espanto meu e de minha mulher Stella. Tivemos sorte, os três filhos nasceram com vocação musical e nos surpreenderam com momentos de felicidade enorme durante a infância.

“O Caetano é realmente um rapaz de boa formação, moral e boa instrução. O mesmo se dá com o Gil, sem falar em outros”

ZH — E a música?

Caymmi — Eu sou um produto dessa mescla humana, dessa topografia urbana, dos acidentes naturais. O baiano era um povo feliz, e como a moeda era estável, o povo já sabia orçamentar para amanhã. Não havia uma angústia. A classe média estava na sua posição, os abastados faziam suas viagens a Europa, e o pobre era aquele pobre feliz, bem vestido, limpinho, nos bondes, nas caminhadas a pé. Passado o tempo, o que ficou no povo foi essa liberdade de rua. A tendência de cantar na rua vem de muito tempo. A rua, com seus recursos parcos, vivia alegre. E as gerações foram se sucedendo até chegar aos mecanismos eletrônicos de hoje, com o desenvolvimento da tecnologia. A cada geração aparecem talentos novos.

ZH — O que você acha de João Gilberto, Caetano, Gil?

Caymmi — Acho excelentes pessoas. Eles vêm de camadas de classe média que tiveram boa educação. O Caetano é realmente um rapaz de boa formação moral e boa instrução. O mesmo se dá com Gilberto Gil, sem falar de outros.

ZH — Como você está vendo o Brasil de hoje?

Caymmi — O país vive uma inquietação típica de uma época de mudanças. Está se jogando água fria num caldeirão fervente. Há uma ebu-

lição em todos os setores, no social, no cultural, no comportamento do homem da rua, e não se sabe que direção isso tomará. Vê-se nas cidades a mendicância sórdida misturada com uma coisa luxuosa. Enfim, é uma transição que se prepara.

ZH — Desde quando você tem cabelo branco?

Caymmi — Caymmi — Ah, desde... O-lha, quando eu tinha 24 anos a Dalva de Oliveira me tirou cinco fios brancos da cabeça (ri). Assumi os meus cabelos brancos e era até condenado pelos colegas de profissão. Diziam que eu passava uma imagem de velho precoce, queriam que eu pintasse o cabelo.

ZH — Como é que você se sente chegando aos 80 anos?

Caymmi — Me sinto com a mesma emoção de quando cheguei aos 70, quando cheguei aos 60 e aos 50. Nos 50 eu dei uma parada para contar o tempo, puxa, meio século! Fiquei estático, mas foi passageiro. Depois fiz 60, fiz 70 com a mesma naturalidade e agora estou fazendo 80. O principal é ter boa saudade mental e boa saúde física, ver a vida com bons olhos e dormir feliz, sem levar problemas para o travesseiro.

SEGUE

REPORTAGEM DE CAPA

Folha Imagem/ZH - 28.11.93



Fã de carteirinha: para o cantor e compositor Tom Jobim, o baiano Dorival Caymmi, seu mestre, pegou o violão e foi orquestrar o mundo

Tom Jobim: "Caymmi é gênio"

Ele assina assim o prefácio do 'Songbook' com 98 canções de Dorival Caymmi que será lançado amanhã

TOM JOBIM

Dorival é gênio universal.

É universal, é gênio baiano, é carioca, é pedra noventa, é pedra sem jaça, canção praieira, é gênio do Brasil e do mundo.

É casado com uma mineira de Piquiri, cantora Stela Maris. Têm filhos, músicos maravilhosos: Nana, Dori, Danilo.

Pai maravilhoso que cuida dos seus, que são todos, todos.

Pegou o violão e orquestrou o mundo.

Navega no vento, no pensamento.

Navega embarcado, apoiado nos restos de um barco em praia sem mar.

Navega com a maré, de jangada, parte cedo, com o terral, participa da pescaria.

"Vela que leva ao barco, barco que leva a gente, gente que pega o peixe, peixe que dá dinheiro... Curimã".

Às vezes vejo Dorival sair do mar, de pé, sobre as águas, apanhado (vestido) pela rede, coberto de peixes prateados, de conchas, siris, caranguejos, sargaços, pedaços de madeira, de caixote, algas.

Dorival navega em pé, na canoa, no mar grande em busca do mar Novo, ao largo de Itaparica. Vai aos Abrolhos, no Maralto, em noites de temporal, e respira fundo a salsugem do largo. Vai a Copacabana e pratica o samba urbano, *Só louco*. O mar da Bahia o leva do Oiapoque ao Chui. Da Venezuela à Argentina, do Alaska à Patagônia. De Paris a

Los Angeles. Um dia, telefonei-lhe, agonizante: "Dorival, o médico me disse que vou morrer..."

E respondeu-me Dorival: "Olha, ninguém é tão doente que já esteja morto, nem ninguém é tão sadio que não vá morrer". Evidentemente eu sofria de morte precoce e Dorival é um sábio, Axé.

E vamos comer siri, nos baixios.

No Raso da Catarina

E quando acabar todo siri do mundo, Iemanjá te levará para um lugar muito alto onde contemplarás o oceano do céu, os mares intergalácticos e os peixes do céu, desses que aparecem nas poças de chuva, aqui na Terra. Ave, Caymmi.

Nana começou a cantar com o pai na tevê

NANA CAYMMI *

Ele é um dos maiores compositores brasileiros e o mais bonito dessa história é que ele está vivo. Vamos festejar juntos os 80 anos, os filhos, os netos, os bisnetos. Não sei o que dizer, gosto de saber que papai está vivo. É isso. Estão todos exigindo de mim uma eloquência nessa história, são mil entrevistas com perguntas, mas não sei, é meu pai fazendo 80 anos. O que eu posso lem-

brar? Que a primeira vez em que cantei com ele foi muito bonito, nós dois na TV Tupi, em 1962, pouco antes de eu me casar com um médico venezuelano. Cantei *Acalanto*, uma canção de ninar que ele fez para mim.

Essa canção sempre me emocionou muito. Foi importante na minha vida eu começar uma carreira com ele. É uma das minhas lembranças mais bonitas, a realização de uma fantasia minha, eu com 16 anos, sair

com ele e cantar na tevê. Mas também tem tantas outras coisas bonitas, a gente no sítio, a família cantando junto. E minha volta da Venezuela em 1963, com a primeira neta dele, nos braços. Ele começou a fazer uma canção para ela... e só agora é que parece ter terminado a música".

*Nana Caymmi, 47 anos, cantora, a primogênita

O MELHOR DE CAYMMI

Raridades em LP

Canções Praieiras (1955) - Onze músicas num LP de 10 polegadas, com destaque para *O Mar*, onde Caymmi usa apenas o seu violão. Gravadora Odeon

Eu Não Tenho Onde Morar (1959) - O melhor LP de Caymmi com orquestra. Nana Caymmi faz a sua estréia cantando *Acalanto*. Inesquecível. Odeon.

Nas lojas, em CD

Caymmi e Vinicius no Zum-Zum (1967) - Dorival Caymmi encontrou Vinicius de Moraes num antológico show no Rio de Janeiro no tempo em que a boate Zum-Zum reunia a fina flor da MPB em Copacabana. Elenço.

Banco de Dados/ZH



Caymmi Visita Tom Jobim e Leva seus Filhos (1967) - Até a mulher de Caymmi, Stela Maris aparece cantando, ao lado de Danilo, Dori, Nana e ainda Tom Jobim. Sobra pouco espaço para Dorival, mas é uma preciosidade. Elenço

Família Caymmi (1987) - Outro espetáculo gravado ao vivo no Scala 2, no Rio. Os filhos cantam os clássicos do pai que, por sua vez, trata de lembrar outros autores famosos da MPB. Odeon.

Família Caymmi em Montreux (1991) - Gravado ao vivo na Suíça. Um disco histórico. Polygram.

Caymmi e seu Violão/Eu Não Tenho Onde Morar (1993) - Dois discos reunidos em um CD fazem parte da série *2 em 1* que a EMI/Odeon lançou com sucesso no ano passado. Trabalho especial para colecionadores.